

UNIVERSIDADE FEDERAL DE OURO PRETO  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS

RAYMARA DA CONCEICAO SANTOS

A PRIVATIZAÇÃO DA VALE DO RIO DOCE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NACIONAL:  
UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE NEOLIBERALISMO E AMBIENTALISMO NA  
DÉCADA DE 1990

Mariana

2022

RAYMARA DA CONCEICAO SANTOS

A PRIVATIZAÇÃO DA VALE DO RIO DOCE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NACIONAL:  
UM OLHAR HISTÓRICO SOBRE NEOLIBERALISMO E AMBIENTALISMO NA  
DÉCADA DE 1990

Trabalho de Conclusão de Curso, requisito para  
titulação de Bacharela em História pela  
Universidade Federal de Ouro Preto  
Área de concentração: Ciências Humanas  
Orientador: Dr Arnaldo José Zangelmi

Mariana

2022



## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Raymara da Conceição Santos**

A privatização da Vale do Rio Doce nas páginas da imprensa nacional: um olhar histórico sobre neoliberalismo e ambientalismo na década de 1990

Monografia apresentada ao Curso de História da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em História

Aprovada em 15 de junho de 2022

### Membros da banca

Doutor Arnaldo José Zangelmi - Orientador(a) (Universidade Federal de Ouro Preto)  
Doutor Fabrício Roberto Costa Oliveira (Universidade Federal de Viçosa)

Arnaldo José Zangelmi, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 20/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Arnaldo Jose Zangelmi, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 20/06/2022, às 19:48, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [http://sei.ufop.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **0347687** e o código CRC **0469282F**.

*Canção do exílio*

Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá;  
As aves, que aqui gorjeiam,  
Não gorjeiam como lá.

Nosso céu tem mais estrelas,  
Nossas várzeas têm mais flores,  
Nossos bosques têm mais vida,  
Nossa vida mais amores.

Em cismar, sozinho, à noite,  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Minha terra tem primores,  
Que tais não encontro eu cá;  
Em cismar –sozinho, à noite–  
Mais prazer eu encontro lá;  
Minha terra tem palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Não permita Deus que eu morra,  
Sem que eu volte para lá;  
Sem que disfrute os primores  
Que não encontro por cá;  
Sem qu'inda aviste as palmeiras,  
Onde canta o Sabiá.

Gonçalves Dias

## RESUMO

Este trabalho trata sobre a forma como foi abordada a privatização da Companhia Vale do Rio Doce sob o olhar da Imprensa Nacional, com especial atenção às relações entre neoliberalismo e ambientalismo enquanto forças emergentes na década de 1990. A companhia, criada em 1942, se tornou a maior mineradora do mundo e veio a ser privatizada em 1997. Em 25 de Janeiro de 2019, protagonizou um dos maiores desastres ambientais da história. Foram selecionadas matérias de jornais da década de 1990, encontradas nos arquivos da Hemeroteca Digital Brasileira. Desse modo, com esse objeto de pesquisa, a privatização da Vale, busca-se perceber o que alguns veículos da imprensa diziam à época sobre a privatização da empresa mineradora em questão assim como destacar as dissonâncias e permanências de uma política neoliberal no Brasil. Todavia, iremos apresentar algumas temáticas importantíssimas e muito pertinentes, como a implementação de uma política neoliberal em países que historicamente são muito dependentes de uma economia subordinada aos seus recursos naturais, portanto, uma economia ambiental.

Palavras-chave: Privatização da Vale. Imprensa. Neoliberalismo

## **ABSTRACT**

This work deals with the way in which the privatization of Companhia Vale do Rio Doce was approached from the perspective of the National Press, with special attention to the relationship between neoliberalism and environmentalism as emerging forces in the 1990s. The company, created in 1942, became the largest mining company in the world and was privatized in 1997. On January 25, 2019, it starred in one of the biggest environmental disasters in history. Newspaper articles from the 1990s were selected, found in the archives of the Hemeroteca Digital Brasileira. Thus, with this research object, the privatization of Vale, we seek to understand what some media outlets were saying at the time about the privatization of the mining company in question, as well as highlighting the dissonances and permanence of neoliberal policy in Brazil. However, we will present some very important and very relevant themes, such as the implementation of a neoliberal policy in countries that are historically very dependent on an economy subordinated to their natural resources, therefore, an environmental economy.

**Keywords:** Privatization of Vale. Press. Neoliberalism

## SUMÁRIO

<b>1. Introdução.....</b>	.....
<b>2. Desenvolvimento.....</b>	.....
2.1 Avanço do Neoliberalismo no Brasil nos governos de Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso.....	.....
2.2 Movimento Ambiental.....	.....
2.3 Privatização da Vale nesse cenário.....	.....
3. Privatização da Vale do Rio Doce nas páginas da Imprens Nacional nos anos 1990....	.....
<b>4. Considerações Finais.....</b>	.....

## 1 INTRODUÇÃO

A história é uma ciência que estuda os homens no tempo, com essa afirmação do historiador Marc Bloch podemos pensar que a história também estuda a vida, os gestos, as ações, as transformações e evoluções de uma sociedade. Nesse sentido o conhecimento histórico ajuda na compreensão das ações humanas no tempo. Portanto, o estudo da história é de suma importância para entendermos muitas das coisas do nosso momento presente. O Brasil é um país marcado maciçamente por ciclos econômicos diretamente ligados à exploração de recursos naturais, desde a borracha, passando pelo ciclo do ouro e, mais contemporaneamente, o ciclo da extração de minério de ferro e do agronegócio. Sendo assim, a questão de uma economia voltada aos recursos naturais de um país coloca em pauta uma série de questões, nesse sentido, podemos começar a falar sobre nosso objeto de estudo que é a privatização da Vale do Rio Doce em 1977, uma empresa de extração de recursos naturais. Aqui podemos fazer um breve levantamento acerca deste momento na recente história do Brasil com viés voltado às análises dos jornais encontrados na Hemeroteca Digital com intuito de tentar entender como esses jornais influenciavam a opinião pública e também entender qual o peso dos meios de comunicação de massa no processo da venda da estatal.<sup>1</sup> Deparamo-nos com um país em que imperam grandes abusos relacionados ao meio ambiente. Nesse sentido, podemos aqui mencionar alguns dados do ocorrido em 5 de novembro de 2015, segundo Cristina Serra, em seu livro “Tragédia em Mariana” a história do maior desastre ambiental do Brasil:

Foram despejados na natureza 34 milhões de metros cúbicos de rejeitos de minério de ferro despejados na natureza; cerca de 660 quilômetros percorridos pela lama no curso do rio Doce; 38 municípios atingidos; 14 toneladas de peixes mortos recolhidas no rio; centenas de milhares de moradores da bacia sem água potável. (SERRA, 2018, p. 13)

Portanto, é claro que houve em terras brasileiras um desastre de grandes proporções, em que uma empresa privada, que um dia foi uma empresa pública, está entre as responsáveis. Falando sobre o que era público e não é mais, é importante comentarmos um pouco sobre o processo da política neoliberal no Brasil, que ocorreu a partir dos anos 90, começando com os governos dos presidentes Fernando Collor de Melo, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso, respectivamente. A empresa Vale, privatizada em um momento que o Brasil estava passando por este momento de expansão de uma política neoliberal no governo de Fernando Henrique Cardoso,

---

<sup>1</sup> Estudos Históricos, Rio de Janeiro, \101. 4, n. 8. 1991, p. 198-215



anos mais tarde seria protagonista de um desastre que hoje é considerado o maior da história do Brasil. Uma das relações que podem ser feitas aqui, neste trabalho, entre a política neoliberal e os desastres ambientais é que a primeira tem como uma das suas principais características a não intervenção do Estado na economia e, como consequência, a não interveniência econômica por parte do Estado. O neoliberalismo é uma doutrina econômica baseada em três princípios básicos ; o princípio da não intervenção do Estado na economia ; a redução dos gastos públicos ; e privatizações de empresas estatais . Esse modelo econômico ganhou força no Brasil a partir da década de 70 do século XX. Os defensores da política neoliberal alegam que o Estado é ineficaz no que tange organizar a economia, tal perspectiva é fortemente erguida pelos que querem comprar as empresas públicas, como a antiga Vale do Rio Doce. Dessa forma, as lógicas das empresas pós privatizada muda completamente, passando a ser levada do ponto de vista dos neoliberais como mais produtiva e eficaz. No entanto, muitas vezes essa eficiência é acompanhada por processos que não visa uma proteção ambiental e humana, e todo e qualquer custo que visa proteger a natureza e as pessoas passa a ser uma oneração, e assim é a visão de um Estado desenvolvimentista. Como diz Sallum Jr (1999, p3.) “ modelo econômico que vigorou no Brasil desde a Era Vargas nos anos 30 atingiu o ápice na década de 1970 e desagregou-se paulatinamente a partir dos anos 1980, ao longo desse período, o Estado passou a constituir-se em núcleo organizador da sociedade brasileira e alavanca de construção do capitalismo industrial no país”. Portanto, nota-se que o Estado de tipo desenvolvimentista começa a se estruturar no Brasil neste momento em que o Estado começa a ter cada vez menos capacidade de comando na sociedade e na economia, e em lugar dele surge uma nova configuração econômica que neste momento é a nível mundial.

No entanto, em países como o Brasil, considerados subalternos, essas alterações se deram de maneira mais acelerada: devido a essas transformações que aconteciam no decorrer da década de 1980, foi se tornando claro para o empresariado que a retomada do crescimento econômico e a redução das tensões sociais já não poderiam depender da presença dominante do Estado no sistema produtivo. Sobre isso, Sallum Jr (1999, p.4) diz que “ela dependeria da ampliação do grau de associação da burguesia local com o capital estrangeiro e envolveria concessões liberalizantes em relação ao padrão de desenvolvimento anterior” . Sendo assim, temos neste momento um empresariado mais forte que o Estado, o mesmo empresariado que clama por desregulamentação que melhor se enquadre nos interesses do grande capital. É exatamente o que

acontece com a Vale do Rio doce. Nesse período aqui tratado, dentro da Nova República, o papel político ideológico dos principais jornais em circulação do Brasil, como *A Tribuna da Imprensa*, *Jornal ABI*, e o *Jornal do Brasil*, tinham um papel muito importante de influenciar politicamente os grupos sociais estratégicos, o embate que naquele momento estava nascendo entre a doutrina intervencionista do Estado brasileiro, mais conhecido como modelo nacional de desenvolvimento versus doutrina ultraliberal do neoliberalismo em ascensão, a segunda aliada ao grande empresariado. Portanto, torna-se necessário uma compreensão mais profunda acerca dos interesses dos veículos de comunicação impressos, tendo em vista que o Jornal também é uma empresa e também possuía seus próprios interesses. É interessante pensarmos como este projeto de desqualificação do Estado, de privatizações de empresas públicas, tendo como uma das mais importantes a antiga Companhia Vale do Rio Doce, é comunicado para a população. Além disso, ressaltando que estando em mãos com as fontes advindas dos arquivos de alguns jornais que circulavam nacionalmente no período. Assim, buscamos como estes jornais de tanta importância para sociedade brasileira na época falou em suas páginas acerca de tal privatização, qual era o seu discurso, pretendemos olhar densamente sobre as interpretações de notícias sobre as ações políticas e econômicas que culminaram na privatização, no sentido dado a essa política e, em que medida, a liberdade econômica é colocado nas argumentações das reportagens. E assim, buscar perceber como as ideias novas do neoliberalismo daquele momento influencia a visão dos jornais, e por conseguinte, dos seus leitores.

Os procedimentos de buscas de trabalhos acadêmicos foram realizados a partir de critérios acerca dos que mais poderiam responder as minhas perguntas o objeto desta pesquisa, os que mais poderiam explicar o advento desses movimentos no Brasil. Acerca dos critérios e procedimentos das buscas no site da hemeroteca foi selecionado o período de 1990 a 1999, tendo como palavras-chaves “Vale do Rio Doce”, “ Minas Gerais”, “Privatizada”, “Privatização” e “Ambiental”. Em seguida, foram analisados os 71 resultados obtidos ao longo da busca, a fim de se verificar o que o Jornal do Brasil falava acerca desses assuntos naquele momento. Essas foram as primeiras fontes que se colocaram para este trabalho e que também mobilizaram as primeiras indagações. Já com os demais jornais, foi selecionado também o período 1990 a 1999, tendo como palavras-chaves “ Vale do Rio Doce”, “Neoliberalismo” , “ Privatização” , na aba periódico e na aba localidade, foi seleciona a opção “ Todos”, assim, uma pesquisa mais abrangente buscando encontrar respostas além da pesquisa anterior que foi especificamente com o Jornal do

Brasil. Os discursos do Jornal do Brasil acerca da privatização da Vale eram em grande maioria um discurso pouco abrangente no que tange a pluralidade de vozes ouvidas, em nenhuma das matérias foi encontrado entrevistas com funcionários da empresa, tampouco sindicalistas. Fica fácil perceber discursos de caráter superficial no que tange o avanço das ideias de privatização como algo ameaçador, por outro lado, fica fácil interpretar a privatização como um fato natural do avanço do capitalismo, o que poderia deixar a entender que a privatização era algo positivo o para o Brasil naquele momento.

## **2 - AVANÇO DO NEOLIBERALISMO NO BRASIL**

O avanço do neoliberalismo no Brasil ocorreu de maneira acelerada. O lento processo de construção e implementação da política econômica brasileira que nos anos noventa sustentou os argumentos privatistas, começou bem antes dos governos Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso. Sendo uma forma de política que surge a partir dos anos oitenta, não só no Brasil, mas a nível mundial.

### **2.1- Avanço do neoliberalismo no Brasil nos governos de Fernando Collor, Itamar Franco e Fernando Henrique Cardoso**

O governo do Fernando Affonso Collor de Mello teve início 1990 e sofreu impeachment em 1992 processo que o tirou do poder. Considera-se que a implantação do projeto neoliberal no Brasil, como elemento condutor da ação governamental em todas as suas esferas, inicia-se no governo de Fernando Collor de Melo (1990-1992) embora, exista evidências da presença de medidas políticas de caráter neoliberal nos governos que antecedem o de Fernando Henrique Cardoso. Vale dizer que Collor foi o primeiro presidente eleito por eleições diretas após os anos árdus da ditadura civil-militar brasileira. Nesse momento, o Brasil deixava para trás um longo processo de construção social nascido na Era Vargas que visava ser um modelo nacional desenvolvimentista. Tal projeto nacional-desenvolvimentista era pautado sobretudo pela defesa da intervenção do Estado em áreas consideradas de interesse nacional. As indústrias e aquelas atividades vinculadas à diversificação do mercado interno recebiam atenção. Agora o que vigorava era a construção social de um novo bloco hegemônico pautado na aliança com o grande capital. Já nas eleições presidenciais de 1989 houve uma crise da hegemonia burguesa que se evidenciava nos variados projetos políticos, acerca dessa pluralidade de candidaturas David Maciel diz (2011, p100) “ Indo desde o “ desenvolvimentismo reformista” de Ulysses Guimarães até o “ neoliberalismo reformista” de Fernando Collor.” Portanto, é notável que os grupos dominantes tinham certo medo da ascensão dos movimentos sociais vigentes e de projetos radicalmente reformista como exemplo : o projeto democrático-popular do PT, que foi colocado na disputa eleitoral e que tinha grandes chances de vitória. Além da imprensa escrita é perceptível um certo grau de manipulação a favor da candidatura de Collor. Em 14 de dezembro de 1989 houve o debate presidencial do

segundo turno entre Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva na TV Bandeirantes<sup>2</sup> e acerca desse debate o próprio jornalista José Bonifácio de Oliveria Sobrinho reconhece em uma entrevista que ele concedeu à Jovem Pam em 2018 que houve sim um favoritismo para com o Collor<sup>3</sup>, (Show, 2018). O jornalista afirma que houve um pedido do então dono da emissora Globo para que a redação se preocupasse com a aparência e os trajes do então candidato Collor, realizando o pedido de Roberto Marinho o jornalista Boni afirma ter coloca gotas de glicerina em Collor para que passasse a impressão dele estar suado para fazer enfrentamento com o candidato Luiz Inácio Lula da Silva.

Nota-se, portanto, uma necessidade de união política das diversas frações burguesas em torno da candidatura de Fernando Collor. Dessa forma, Collor já surge com uma demanda a ser cumprida: a demanda do projeto neoliberalista extremado. No entanto, de início, Collor não encontra tanto apoio para colocar em voga sua política mais acentuadamente neoliberal, tanto o Congresso quanto alguns importantes setores do grande capital industrial, tinham postura reticente as propostas duramente neoliberais. Durante o governo Collor houve um plano chamado de Plano Collor I que previa um amplo programa de privatização das empresas estatais também chamado: Plano Nacional de Desestatização. E assim nasce efetivamente a aurora neoliberal brasileira, um processo muito complexo em que redefini o padrão de acumulação capitalista e de ofensiva contra os direitos sociais e trabalhistas. Neste momento a inflação brasileira estava nas alturas o que favorecia o discurso de refinição do papel econômico e social do Estado, com a venda de empresas estatais e redução de pessoal no funcionalismo público. Por fim, no que tange o governo do Fernando Collor foi o momento em que as estruturas neoliberais começaram de fato a fixarem-se. Com a saída de Collor, o seu vice, Itamar Augusto Cautiero Franco (1992-1994) assumiu a presidência até 1994. O governo de Itamar também foi pautado pela agenda neoliberal. É importante mencionar que uma das características mais marcantes do governo do Itamar foi o fato de que foi em seu governo o início do plano real. Além disso, este governo está inserido em uma política de interclassificação financeira que estava em voga naquele momento. Uma característica fundamental do governo Itamar foi de fato a capacidade de articulação que

---

<sup>2</sup> Debate na Band: Presidencial 1989 – 2º turno – Lula X Collor - Partes 1 e 2 (14/12/89). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Z-pSIIQL74M&t=10s>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

<sup>3</sup> Morning Show: Boni fala sobre polêmica edição do debate entre Lula e Collor, em 1989 | Morning Show. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=4dWSHkyTFxM>>. Acesso em: 09 dez. 2021.

culminou na consolidação do neoliberalismo no Brasil. Medidas como a permissão da participação do capital estrangeiro nos processos de privatizações brasileiros fosse de até 100% do total das ações disponíveis, como também a permissão da entrada de pessoas de fora do governo na composição da Comissão Diretora do Plano Nacional de Desestabilização, o segundo exemplo certamente evidencia que várias pessoas do setor privado estavam em área estratégica do governo, certamente representando interesses do capital privado. Sendo assim, medidas como essas citadas acima evidenciam que o governo Itamar estava indo ao encontro da efetivação do processo de desestatização. Segundo LOPES Alonso *et al.* (2021,pg 169) “observa-se que as vendas de empresas estatais sob o governo Itamar em 1993 foram tão expressivas que o total de privatizações, somente naquele ano, grande parte do PIB.” Setores como : aeronáuticos, fertilizantes, mineração, petroquímico e siderúrgico foram os que mais sofreram alterações. Agora no que tange à privatização da Companhia Vale do Rio Doce , que ocorreu após o seu governo, Itamar mostrava-se contra, por ter acesso a dados que evidenciavam que a Companhia era eficiente e a maior exportadora do país, no entanto, sua posição dessa vez foi perdedora. Já no governo de Fernando Henrique Cardoso ( 1995-2003) o contexto econômico e político foi muito mais intenso no que tange as medidas neoliberais, inclusive a própria Vale foi privatizada em seu governo. O processo de privatização brasileiro foi bastante intenso mais no segundo governo, no entanto, a Vale foi privatizada já no seu primeiro governo (1995- 1998) neste momento o governo buscava acentuadamente redução no estoque da dívida, retomada do investimento em setores de infra-estrutura como transporte, telecomunicação e energia e sobretudo atração de capitais externos. Após a estabilidade da inflação que vinha acontecendo, depois de anos consecutivos de inflação nos governos anteriores, o governo de FHC passa a ter mais apoio no congresso pra de fato implementar processos de privatização mais ousados, além de visualizar o aumento e eficiência das empresas já privatizadas. Por fim, outro dado importante a ser mencionado foi o fato de que os governos estaduais também estavam interessados em desenvolver seus próprios programas de privatizações, como por exemplo em Minas Gerais com a privatização da Cemig-Cia de eletricidade de Minas Gerais.

## 2.2– Movimento Ambiental no Brasil

Como defende, Alonso *et al.* (2007,pg 151) foi “A partir de três estruturas de oportunidades políticas : o processo de redemocratização, a Assembleia Constituinte e a Rio-92, alguns grupos de ativistas ambientalistas se constituíram e começaram a enfrentar dilemas comuns relativos a mobilização, a fim de criar uma identidade compartilhada acerca do ambientalismo no Brasil.” .

Primeiro , o que seria uma estrutura de oportunidades política ? o termo é de cunho sociológico utilizado para explicar o estudo da emergência e desenvolvimento de movimentos sociais, isso é nas dimensões formais e informais que caracterizam as estruturas do ambiente político aumentando as possibilidades para grupos sociais se mobilizarem. Tais estruturas, com certeza fizeram com que o processo de redemocratização, a Assembleia Constituinte e a Rio-92 despertasse em alguns grupos sociais no Brasil a possibilidade de os grupos sociais insatisfeitos expressarem suas demandas na arena pública. A partir da redemocratização, houve em primeiro lugar maior força dos protestos sociais de maneira geral e com isso ativistas ambientalistas tiveram mais apoio, além disso, as insituições políticas e administrativas se tornaram mais acessíveis e permeáveis às demandas dos ativistas ambientais, tudo isso de cunho nacional, sem contar que havia mudanças às demandas ambientais acontecendo a nível internacional. O contexto de micromobilização e a formação de identidades coletivas no que tange os grupos ambientalistas é algo muito importante a ser dito, o que segundo Alonso *et al.* (2007,pg 154) “ boa parte das mobilizações políticas do período contava com ativistas oriundos das classes médias” . No entanto, havia variações desses grupos e elas se davam no contexto na qual se formavam, através de interações sociais pautados em laços afetivos, lealdades comunitárias e o sentimento de pertencimento. E dessa forma, emergem identidades coletivas, isso é: interesses comuns que é a base de uma comunidade. Nesse contexto , muitos grupos e movimentos sociais voltados às questões ambientais foram ganhando mais espaço, como por exemplo: A associação Gáucha de Proteção ao Ambiente Natural ( Agapn) , a Fundação Brasileira para Conservação da Natureza ( FBCN) , e O Movimento Arte e Pensmento Ecológico ( Mape) , foram aos poucos formando contextos de micromobilização e emergiram diferentes gêneros de idenidades coletivas como “ ambientalistas”. Dentro do grupo que via esse novo movimento ambientalista um tipo de ambientalismo chamado “ecologia política” tendo como característica a atribuição ao mundo em que nós vivemos hoje e na forma como vivemos hoje à causa da degradação

ambiental contemporânea, em outras palavras: atribuir as causas dos problemas ambientais ao “modelo brasileiro de desenvolvimento”, e uma das características deste modelo é a defesa de que a degradação ambiental não recaia sobre os mais pobres. Neste trabalho iremos privilegiar esse “frame” ou também conhecido como modelo ambientalista, tendo um outro nome atribuído à este modelo o de socioambientalista, a partir da perspectiva das consequências ambientais no que tange a privatização da Companhia Vale Do Rio Doce para a sociedade brasileira. Para Alonso et al.( 2007,156) o conceito de frame é :

Vários analistas dos movimentos sociais ressaltam que toda ação coletivo depende das habilidades dos ativistas de construir interpretações acerca das habilidades dos ativistas de construir interpretações acerca da conjuntura em que estão imersos e, por meio delas, transformar descontentamento em mobilização. “Frames” são esses instrumentos cognitivos e guias para a ação que permitem aos ativistas questionar uma dada situação antes não problemática, atribuir responsabilidade a grupos ou autoridades por tal estado de coisas e apresentar estratégias para alterá-lo.

Sendo assim, por isso a importância dos grupos ambientalistas conquistar a opinião pública, fazendo isso através de espaço nos meios de comunicação de massa, e dos grandes jornais, porque dessa forma os movimentos ganham força para pressionar o campo político. A partir de uma lógica socioambiental , temos na privatização da Companhia perspectivas de problemas ambientais que passam a reverberar no contexto social, portanto, não é tratada apenas como um frame somente das ciências naturais mas também das ciências humanas. Ademais , como diz, Alonso *et al.* (2007,pg 157) “ O novo frame associou fortemente os problemas ambientais com causas políticas e econômicas” , sendo assim, com o surgimento do ambientalismo no Brasil os problemas ambientais começaram a serem vistos também sob a ótica política e econômica. Portanto , é nessa conjuntura em que a política econômica neoliberal se fundamentava no Brasil , que houve grandes privatizações no país e uma delas foi a Companhia Vale do Rio Doce, a mesma que anos depois protagonizaria o maior desastre ambiental da história desse país.

### **2.3– Privatização da Vale neste cenário**

Em 1992 a companhia completou 50 anos de existência e para comemorar a empresa escreveu um livro informativo com o título: *Companhia Vale do Rio Doce 50 anos de história*. Com base neste material de 104 páginas, é possível afirmar que a companhia foi criada em um contexto super favorável, em que havia muita demanda por minério de ferro no mundo. Getúlio Vargas, ao



assumir a chefia do Governo Provisório, após a vitória da Revolução de 30, deu início a uma ampla reforma institucional visando à centralização político-administrativa do país. No que tange o recorte temporal desta pesquisa, no caso, a década de noventa, a Companhia Vale do Rio Doce já estava com grande volume de produção e crescimento e bastante consolidada como uma empresa estatal. Em 1995 a Vale foi incluída no programa nacional de desestatização. Antes da sua privatização a empresa mostrava ser bastante justa para com os seus funcionários. Essa relação de confiança e segurança que a Vale oferecia aos seus funcionários foi aos poucos sendo fragmentada. É o que apontam os resultados de entrevistas feitas pela Fatima Ferreira Russo, em sua dissertação de mestrado:

Pela análise das entrevistas foi possível perceber que as pessoas sentem-se seguras em relação ao vínculo que possuíam com a organização, sentem-se confiantes, pois o clima era de muito respeito. Por ingressarem jovens e com possibilidade de fazer carreira, os funcionários se apegavam muito à Vale, demonstrando compromisso e amor à mesma (RUSSO, 2002, p. 46).

Este cenário se modifica um pouco antes e após a efetivação da privatização da estatal. Assim, o vínculo entre funcionário e empresa passa a receber outra conotação. Após a privatização, a empresa tornou-se menos atraente para os funcionários e mais atraente para o mercado. A partir das pesquisas é possível perceber que os anos 1970 foi decisivo para o futuro da Vale, que a privatização foi uma grande impulsionadora. Além disso, foi a partir da década de 1970 que a companhia iniciou uma diversificação das suas atividades, assim ampliando seu leque de atividades, sobretudo através de empresas coligadas que permitem o maior aproveitamento possível do potencial do seu complexo operacional.

### **3 – A PRIVATIZAÇÃO DA VALE DO RIO DOCE NAS PÁGINAS DA IMPRENSA NACIONAL NOS ANOS 1990**

A escolha da Vale do Rio Doce, para o estudo de caso, ocorreu como fruto do interesse da pesquisadora em fazer uma pesquisa que relacionasse a questão do advento do neoliberalismo no Brasil com as questões implicitamente ambientais. Diante disso, a Vale se encaixou perfeitamente, pois foi privatizada em um momento político-social em que o neoliberalismo estava em expansão no Brasil. Além disso, a Vale é uma empresa de extração de recursos naturais, que foi responsável pela maior tragédia socioambiental do Brasil no ano de 2015. Por tudo isso, considerou-se a Vale como uma ótima escolha para ser o objeto de estudo. Havia nos jornais um grande papel político que muitas vezes não deixava tão claro o seu papel ideológico. Esses jornais, como por exemplo o Jornal do Brasil, A Tribuna da Imprensa, Jornal da ABI aqui analisados, procuraram influenciar os grupos sociais estratégicos com as suas publicações. Segundo Francisco Fonseca (2003, p. 84), “Os jornais são capazes de exercer uma influência sutil que lhes permite sedimentar – embora de forma não mecânica – uma dada ideia, opinião ou representação nos grupos médios e superiores da hierarquia social brasileira.” Na década de noventa, os jornais impressos ainda tinham muita relevância para formar a opinião pública na sociedade brasileira, enquanto outros meios de informações estavam começando a permear a sociedade, como por exemplo a internet. Por outro lado, é importante mencionar que os jornais possuíam interesses de caráter privado, para além dos interesses do público. Nesta pesquisa foram analisados os acervos da Hemeroteca Digital Brasileira, no recorte temporal de 1990-1999, tendo como palavras-chave “Vale do Rio Doce”, “Neoliberalismo” e “Privatizada”, a fim de identificar o intenso papel político e ideológico da imprensa nacional durante o período analisado e desde muito antes da efetiva privatização. Uma ilustração disso é como, por exemplo, o Jornal do Brasil, nas edições que vão desde o ano de 1990 até 1999, mostra indícios de como o jornal encarava as questões relacionadas à Companhia Vale do Rio Doce. Na edição de número 00307, do dia 11 de fevereiro de 1990, o Jornal do Brasil publicou uma matéria com o título: “Vale tem lucro, reduz dívidas e investe”. Nessa edição, o jornal traz um texto de Tereza Lobo, no qual aponta resultados positivos que outrora não estavam sendo possíveis. A empresa, no ano de 1987, teve um prejuízo de cerca de US\$ 190 milhões e, no momento que a jornalista escrevia essa edição, a empresa possuía uma dívida externa de US\$ 3,5 bilhões. A escolha do jornal de evidenciar que neste momento a Vale passava por bons momentos,

no que tange ao financeiro, e deixava cada vez mais para trás dívidas e retrocessos, mostra indícios de como o Jornal constituiu uma base favorável ao imaginário popular de que a empresa estava adentrando o ano de 1990 de mãos dadas com o mercado financeiro internacional. E, assim, evidenciando que a empresa estava em uma busca de novos financiamentos, a fim de partir para novos projetos, através da diversificação das suas atividades. Nessa mesma seção, o jornal publicou uma entrevista com o diretor financeiro da empresa, Wilson Brumer, da qual eu destaco o seguinte trecho em que ele diz acerca da diversificação: “O novo modelo a ser explorado tem como objetivo o financiamento de projetos com terceiros no Brasil [...] Brumer está interessado em criar mecanismos que possam atrair o interesse do mercado de capital como investidor”. Nessa reportagem, com a declaração do diretor financeiro da empresa na época, é evidente a parcialidade que o jornal pretendia manifestar, pois em nenhum momento dessa edição há nem ao menos um parágrafo que fale acerca das consequências negativas desse novo modelo de negócio que estava emergindo. Somente com essa reportagem podemos perceber algumas características principais da política econômica neoliberal, passando a imagem de que ao abrir a empresa para investidores externos e ao capital financeiro a empresa deixaria para trás dívidas e passaria a ser mais efetiva. Isso pode reverberar em uma ideia passiva de que a política de bem-estar social é estigmatizada como ineficaz, o que aos poucos pode contribuir para conquistar mentes e corações no que tange à privatização que aconteceria anos depois. No decorrer das outras edições, publicadas em anos posteriores, também é possível perceber cada vez mais reportagens de caráter parcial no que se refere à ascensão de um modelo econômico que estava emergindo, no caso, o neoliberal. Portanto, fica clara a atuação desse movimento ultraliberal, que tem como características principais disciplina fiscal, liberalização financeira, liberdade cambial, liberalização comercial e sobretudo ênfase no investimento do capital estrangeiro e privatizações, tendo o apoio do Jornal do Brasil, para ajudar a moldar essa mudança econômica como algo positivo no imaginário social.

Figura 1– Edição de número 00307 do dia 11 de fevereiro de 1990

34 □ 1º caderno □ domingo, 11/2/90 Economia

## Vale tem lucro, reduz dívida e investe

Tereza Lobo

Traumatizada com o prejuízo de US\$ 190 milhões em 1987 — o primeiro em 31 anos — e uma dívida externa de US\$ 3,5 bilhões, com o pagamento concentrado nos cinco anos seguintes, a direção da Companhia Vale do Rio Doce atacou em todos os flancos para sair do vermelho. Reescalou a dívida, lançou debêntures e até fechou contratos de venda antecipada de ouro. A empresa chega a 1990 pronta para voltar ao mercado financeiro internacional em busca de novos financiamentos e parte para novos projetos, através da diversificação das atividades e como promotora de negócios que utilizem seus produtos, conta satisfeito o diretor financeiro, Wilson Brumer.

No ano passado a Vale obteve um lucro de US\$ 734 milhões, 248% a mais do que em 1989. Principal exportadora de minério de ferro no mundo — 67,2 milhões de toneladas — o faturamento passou de US\$ 2,9 bilhões para US\$ 3,9 bilhões.

### Composição da dívida

Moeda	Porcentagem
dólar	40,4%
leão	5,4%
franco alemão	3%
franco suíço	2,4%
outras	1,5%
OTN/IPC/BTH	46,3%

R.T. Fasanello

*Brumer: a empresa de volta ao mercado financeiro internacional*

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Ainda neste contexto, analisando uma segunda reportagem, agora a edição de número 00019, do dia 27 de abril de 1997 (ano que Vale foi privatizada), o Jornal do Brasil publicou uma matéria com o título “O acaso dos Mitos”. Nessa edição, a clareza ideológica se expressa de forma perene, tal como o trecho abaixo demonstra cristalinamente:

Uma das grandes contribuições do leilão de privatização da Companhia Vale do Rio Doce, terça-feira, será a de derrubar uma série de mitos do imaginário nacional, utilizando de má-fé pelos adversários da retirada do Estado da vida econômica. O primeiro mito que tomba é suposta desnacionalização.

Tal postura mostra o apelo do Jornal do Brasil em mostrar mesmo que implicitamente a implementação da agenda ultraliberal e que a mesma se deu em detrimento de um debate aberto, pois as diversas vozes discordantes não seriam ouvidas pelos jornais e, além do mais, essa atuação fora destituída de um projeto global que incluísse os diversos interesses nacionais. Ainda nessa mesma matéria, temos uma entrevista que o Jornal do Brasil fez com então administrador, banqueiro e empresário brasileiro Benjamin Steinbruch, que, no momento da entrevista, era um dos maiores interessados na privatização da companhia, pois era um dos donos do consórcio que posteriormente comprou a Vale, e com Antônio Ermírio de Moraes, empresário e membro do conselho de administração do grupo Votorantim. Nessa entrevista eles disseram:

Consideram baixa a rentabilidade da estatal. A lucratividade tem sido destacada pelos adversários da privatização – que não puderem usar o mote na venda de outras estatais, como a CSN, que davam imensos prejuízos ao Tesouro – como um dos principais argumentos contra a sua venda.

No que tange a uma característica de caráter ambiental, ainda na mesma entrevista, os empresários afirmavam com a convicção de que era um mito acreditar que somente a Vale do Rio Doce foi responsável por descobertas de grandes riquezas minerais.

As principais reservas mineiras da Vale em Minas foram descobertas pelo magnata americano Percival Farquar [...] Outra inverdade diz respeito a Carajás. As imensas jazidas de minério de ferro, manganês, cobre, bauxita e ouro no Sul do Pará também foram descobertas por uma empresa estrangeira no fim dos anos 60.

Nessas duas falas fica claro que existe um interesse em desmoralizar socialmente a companhia, mostrando pouca eficiência e evidenciando que o caminho para a eficiência e a prosperidade é entregá-la para o grande capital.

Figura 2 – Edição de número 00019 do dia 27 de abril de 1997

10

**JORNAL DO BRASIL**  
Fundado em 1901

<b>CONSELHO EDITORIAL</b>	<b>REDAÇÃO</b>		<b>SISTEMA JB</b>
M. F. DO NASCIMENTO BRITO Presidente	MARCELO PONTES Editor	MARCELO BERABA Editor Executivo	SERGIO REGO MONTEIRO Vice-Presidente
WILSON FIGUEIREDO Vice-Presidente	PAULO TOTTI Editor Executivo	ORIVALDO PERIN Secretário de Redação	HENRIQUE CABAN Diretor Executivo de A/B

## O Ocaso dos Mitos

Uma das grandes contribuições do leilão de privatização da Companhia Vale do Rio Doce, terça-feira, será a de derrubar uma série de mitos do imaginário nacional, utilizados de má-fé pelos adversários da retirada do Estado da vida econômica. O primeiro mito que tomba é a suposta desnacionalização.

A Vale será disputada por dois consórcios, liderados por poderosos grupos brasileiros: o Votorantim, de Antônio Ermírio de Moraes, e a Companhia Siderúrgica Nacional, privatizada em 92

Toda a grita histérica para retardar a privatização da Vale — que é inevitável — no fundo não passa de desconversa ociosa. Está longe de significar defesa racional das pretensas virtudes econômicas ou razões estratégicas da empresa pública.

No Brasil, estatais são escassamente públicas, pois acabaram indevidamente nas mãos da *nomenklatura* burocrática, de tal forma que os lucros sonogados ao Tesouro se destinam mais para o bolso dos funcionários do que para financiar

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Já na edição do Jornal bimestral ABI, referente aos meses de novembro e dezembro de 1996, foi publicada uma matéria com o título de “A privatização da Vale e um depoimento de valor”. Nela acompanhamos uma carta escrita pelo jornalista Aluizio Flores para o então senador José Sarney. Nessa carta o jornalista se mostra bastante interessado no que o senador tem a dizer acerca da privatização da empresa. Até então é claro que o prezado senador era a favor da preservação da companhia como uma estatal. O jornalista elenca argumentos que vão a favor da opinião do senador, argumentos esses que enaltecem a companhia como exemplo os seguintes argumentos:

A companhia Vale do Rio Doce dispõe de dois dos 10 maiores portos do mundo – Tubarão, no Espírito Santo, e Ponta da Madeira, em São Luís do Maranhão, com capacidade de acomodar navios de até 400 mil toneladas. Além disso é proprietária de duas melhores ferrovias do mundo [...] Uma vez vendida a Companhia Vale do Rio Doce, seria como dividir o Brasil pela metade, dando a outra metade, a metade lucrativa, para a rapina internacional.

Portanto, nota-se que, além dos argumentos mencionados acima, a perspectiva do jornal ABI acerca da privatização da Companhia, através dessa matéria do jornalista Aluizio Flores, é a de ver desvantagens na privatização.



Figura 3 – Edição bimestral novembro/ dezembro de 1996 Jornal ABI

14 *Jornal da ABI* novembro/dezembro de 1996

## A privatização da Vale e um depoimento de valor

**O** jornalista Aluizio Flores *endereçou, em novembro, a carta abaixo, ao senador José Sarney, cuja transcrição nos solicita. Dada a importância da missiva, vai aqui publicada na íntegra.*

Tenho acompanhado com interesse e respeito a atuação de V.Exa. em favor da preservação da Companhia Vale do Rio Doce sob o controle do Governo, como tem sido desde a fundação da empresa.

E na qualidade de brasileiro e razoável conhecedor do assunto devo colaborar com seu magnífico trabalho, pois fui até gerente de imprensa da CVRD durante a administração Eliezer Batista da Silva. Assim, julgo-me em condições de prestar-lhe algumas informações que têm por objetivo reforçar o arsenal de argumentos contra a tentativa de privatização da empresa.

Em primeiro lugar, a Companhia Vale do Rio Doce dispõe de dois dos 10 maiores portos do mundo - Tubarão, no Espírito Santo, e Ponta da Madeira, em São Luís do Maranhão, este já no hemisfério Norte - que têm capacidade para acomodar navios de até 400 mil toneladas.

Além disso, é proprietária de duas das melhores ferrovias do mundo - a Estrada de Ferro Vitória a Minas, com 570 quilômetros de extensão, e a Estrada de Ferro Carajás, com 894 quilômetros, que ligada à não concluída Ferrovia Norte-Sul iria descobrir certamente um novo país brasileiro, com mais de dois milhões de quilômetros quadrados, bem no interior de nosso país-continente. Mas interesses alheios aos anseios do Brasil interromperam a construção da Norte-Sul e a ferrovia, projetada para 2.200 quilômetros, não conseguiu ultrapassar os primeiros 100 quilômetros ao Sul da Estrada de Ferro Carajás.

As duas empresas ferroviárias da CVRD têm em seus estatutos um dispositivo curioso: se a carga chegar com um minuto

de atraso, o cliente não precisa pagar o frete, tal a certeza que os operadores têm na eficiência dessas estradas de ferro.

Para que V.Exa. tenha uma noção mais exata da grandiosidade da Companhia Vale do Rio Doce, basta dizer-lhe que somente em terras a empresa dispõe de uma área superior à da superfície da Bélgica, onde, aliás funciona a Vale Internacional (Avenue Louise, em Bruxelas), que controla e facilita os negócios e os contatos da empresa em âmbito internacional, do Extremo Oriente à América Latina.

A mina de ferro encravada na Província Mineral de Carajás, no Sul do Estado do Pará, mesmo explorada a uma razão de 100 milhões de toneladas por ano, deve resistir por quase um milênio, juntando-se à grandiosidade das jazidas de ouro, bauxita e zinco que abundam em todo o território nacional, principalmente na região equatorial, isso para não particularizar a região de Itabira, em Minas Gerais, onde se localizam as mais antigas jazidas CVRD.

Além do mais, a Companhia Vale do Rio Doce não é apenas uma empresa. São mais de 50 empresas, espalhadas pelo globo terrestre, abrangendo os Estados Unidos e o Japão, por exemplo.

Dentre as suas atividades destacam-se naturalmente minério de ferro polietilização e manganês, mas há também transportes (a Docenave é uma das maiores empresas da história da navegação) e operações portuárias; siderurgia e ferro-ligas; bauxita, alumina e alumínio; pesquisa mineral, florestas, celulose e papel, além de seus numerosos escritórios comerciais que abrangem o mundo inteiro.

Para ser conciso e preciso, pode-se dizer que todo esse patrimônio, que o Governo e seus orientadores querem alienar por cerca de 12 bilhões de dólares, está corretamente avaliado em quantia superior a dois trilhões de dólares, que rendem anualmente ao país mais do que o resto das

exportações brasileiras. Uma vez vendida a Companhia Vale do Rio Doce, seria como dividir o Brasil pela metade, dando a outra metade, amesda lucrativa, para a rapina internacional.

O mais importante de tudo, aliás, não é o atual valor da empresa, mais o seu significado: como o Brasil está certamente no Extremo Oriente e toda a sua logística se volta para o Leste, onde estão a África, o Oriente Médio, a Índia, a China etc. - e do outro lado, ao contrário, está o Pacífico, do Peru ao Japão, sem uma única terra intermediária - é claro que o Brasil dispõe de uma situação geográfica privilegiada no globo terrestre, pois está sempre presente onde há espaço - sólido ou líquido - através da Companhia Vale do Rio Doce e de suas subsidiárias.

Ora, entregar tal empresa a estrangeiros seria como alienar o nosso futuro como nação que, de independente passaria a ser dependente da vontade e das ordens de outras potências, por mais absurdas que fossem, como aliás já acontece, com as seguidas intempestivas invêdiadas, por exemplo, do Fundo Monetário Internacional e do próprio Tesouro dos Estados Unidos em nossos negócios particulares.

Acho que a atuação de V.Exa. em favor da preservação da Companhia Vale do Rio Doce como patrimônio nacional merece o reconhecimento de toda a sociedade brasileira. Isso pode barrar com eficiência as más intenções daqueles que mudaram de posição político-ideológica e hoje em dia traem o país em nome de uma globalização que seria, no mínimo, mera redundância, pois já vivemos todos num globo, pequenino - é verdade - mas redondo, como eles querem...

V.Exa. poderia perguntar ao governo o quanto lhe custa a manutenção da CVRD. Isso resultaria certamente na resposta mais engraçada do mundo, pois a Vale do Rio Doce, ao invés de onerar, dá lucro ao Tesouro...

### A falta que faz um acervo de TV

Em matéria publicada na "Folha de S. Paulo" de 28-10-96, a cronista para assuntos de televisão Esther Hamburger levanta uma questão que passa despercebida a uma grande parte dos profissionais da comunicação: o cidadão não tem acesso aos arquivos da TV. Na matéria, EH observa que "qualquer pessoa que se dirija à Biblioteca Municipal pode pedir para ler edições antigas dos principais jornais da cidade (...), mas não pode, no entanto, reivindicar acesso a edições de telejornais. Simplesmente porque não existe nenhum arquivo público de televisão.

A seguir, a comentarista afirma "ser escandaloso que 46 anos após ter sido inaugurada a TV no Brasil, haja tão pouca informação sobre o que é hoje o mais poderoso veículo de comunicação do país".

E, mais adiante, vê prenúncio de que se pode esperar algo em torno do assunto, tendo em vista o grande número de seminários acadêmicos, debates na imprensa, livros de ensaios, edições de material histórico, sobre a televisão e a recente fundação de um museu da TV. Assinala, além do mais, iniciativas particulares como as partidas da Universidade de São Paulo, Pontifícia Universidade Católica, Universidade Federal do Rio de Janeiro e Universidade Cândido Mendes (Rio), a Rede Globo, e a TV Cultura, que poderão ser pontos de partida para a constituição de acervos públicos.

A carência de acervos de programas televisivos é indicativa da falta de compromisso do meio televisivo com os telespectadores - analisa Esther Hamburger no parágrafo final da sua crônica.

### correções

A foto da página 17, do sepultamento de Ernesto Geisel, na edição anterior, foi cedida pelo "Jornal do Comércio", Rio, e Wilton de Souza é o seu autor.

Na última nota da 1ª coluna de página 11 refere-se, em verdade, à reunião do Conselho havida em 30-7-96 e não à de 24-8-96;

Na página 13, 4ª coluna, linha 9, onde está *Moia* deve ser lido *Moia*, correção imprescindível para a adequada compreensão do assunto ali exposto;

Na página 18 deixou de constar, por lapso, o nome de Alcino Soeiro na Comissão de Sindicância.

*Tendo em vista  
Jornal da ABI ser  
bimestral e ter, como  
qualquer publicação  
periódica, seu prazo  
de fechamento, as  
notas com pedidos de  
divulgação sobre  
eventos a serem  
realizados devem ser  
encaminhados com a  
necessária  
antecedência.*

### PROGRAMAÇÃO VISUAL



criação gráfica arte-finalização  
edição eletrônica  
retoque digitalização de imagem  
organiza seu espaço com arte

**O**s cargos exercidos na Associação Brasileira de Imprensa, tais como de presidente da Diretoria; presidente do Conselho Administrativo; diretores; representantes; conselheiros; secretários; consultor jurídico; assessor jurídico; membros das comissões e departamentos; diretor do *Jornal da ABI*; e editor do *Jornal da ABI* o são, exclusivamente, por dedicação desses associados, que não recebem qualquer tipo de remuneração ou ajuda de custo pelo trabalho que desenvolvem. Nas mesmas condições estão os colaboradores deste jornal.

Fonte: Hemeroteca Digital Brasileira

Por fim, iremos analisar uma reportagem edição de março/abril de 1997 do Jornal da ABI, nesta edição temos uma reportagem especial com então ex-ministro da Educação Darcy Ribeiro com o título "Privatização da Rio Doce é um ato de lesa-pátria". Trata-se do último discurso pronunciado pelo senador Darcy Ribeiro antes de sua morte. Aqui é possível perceber que a ocasião foi em um ato público realizado na ABI contra a privatização da Companhia Vale do Rio Doce em que o senador se manifesta completamente contra a privatização da Companhia e chama o então presidente Fernando Henrique Cardoso de ser uma pessoa culta no entanto, muito

ruim para o povo brasileiro. Além disso, acusa Fernando Henrique de seguir o que dizem os economistas em detrimento de um sentimento positivo para o Brasil porque para eles os economistas só querem usar os recursos do país para alcançar os seus objetivos pessoais. Se por um lado critica e acusa Fernando Henrique Cardoso e os economistas que estão por trás das ideias de privatização, por outro lado o senador elogia e enfatiza a importância de ter mentes como a de Barbosa Lima Sobrinho. Percebe-se também que o senador cita argumentos importantes e verdadeiros para a não privatização da Companhia dentre eles destaque: a empresa detém o domínio da tecnologia, técnicas de reflorestamento, e por fim uma ótima empresa para com os seus trabalhadores. Portanto, o senador critica duramente a privatização da Vale e argumenta que os efeitos dessa privatização não é positiva para o Brasil.

Figura 4 – Edição bimestral novembro/ dezembro de 1997 Jornal ABI

março/ abril de 1997 Jornal da ABI 23

Darcy Ribeiro na ABI:

### Privatização da Rio Doce é um ato de lesa-pátria

*O discurso adiante publicado foi o último pronunciado no Rio pelo senador Darcy Ribeiro, antes da sua morte em 17 de fevereiro. Foi por ocasião do ato público realizado na ABI, contra a privatização da Cia. Vale do Rio Doce. Já muito debilitado pela enfermidade, Darcy Ribeiro dissera, dias antes, aos amigos, que iria à ABI, "nem que fosse carregado". Comparceu numa cadeira de rodas. E, no grande ato realizado naquele dia na Casa do Jornalista, foi ovacionado por um público, que se postou de pé, emocionado.*

Senhores membros da Mesa, queridíssimos companheiros e amigos. Preciso contar duas coisas de verdade: não sei se é porque estou velho, sentimental - não sei porque - não posso mais ouvir o Hino Nacional sem vontade de chorar! A segunda coisa que gostaria de dizer preliminarmente, em nome dos que estão aqui e de todos os brasileiros é o seguinte: um beijo na testa de Barbosa Lima Sobrinho!

E aí não vou chegar lá! Mas é muito bonito ver um brasileiro, o mais eminente dos patriotas brasileiros, que lutou todas as lutas brasileiras desses últimos 80 anos, vivo comemorando os seus 100 anos. Por isso quero fazer esta pequena homenagem em nome de todos os brasileiros, tanto quanto posso representá-los...

O meu discurso vem agora: Por que é que o presidente Fernando Henrique - um presidente tão culto, tão inteligente, tão agradável - é um presidente tão ruim? É incrível que Fernando Henrique se deixe dirigir pela pior gente que há, que é o economista! Basta dizer que se você pegar três deles, dos mais eminentes e colocá-los juntos para discutir qualquer assunto - eles vão discordar entre si. Eles sempre discordam em tudo porque não têm certeza de nada...

E Fernando Henrique só lê na cartilha dos economistas do BNDE e do Ministério da Fazenda... É incrível! Eles são bisonhos, são jovens com a cabeça feita lá fora. Eles não têm nada de patriótico, eles não têm compromisso conosco. É gente que nunca fez nada na vida e nem é provável que venha a fazer. Essa gente quer vender, quer entregar o Brasil porque acha melhor. Essa gente usa o Brasil, usa a Nação, para alcançar os seus objetivos. Por isso que é importante que existam cabeças como a de Barbosa Lima Sobrinho...

Existe no mundo empresa mais existosa para fazer mineração, tirando o minério das minas e transportando-o para os compradores do que a Vale do Rio Doce? Existe alguma empresa no mundo com o domínio da tecnologia mais avançada e mais alta do que a Vale? Existe alguma empresa no mundo com as técnicas de reflorestamento empregadas pela Vale? Existe empresa que cuide melhor de seus trabalhadores? É claro que não!

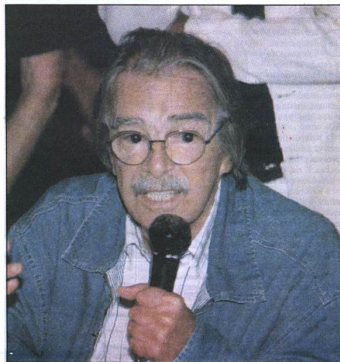
É por isso que precisamos defender a Vale. E saber que se ela for privatizada logo de cara 20% de seus trabalhadores serão despedidos. Existe por acaso empresa melhor associada a outras para a exploração de minérios? É claro que não! Se Fernando Henrique tivesse respostas positivas a estas perguntas, que há empresas melhores do que a Vale, poderíamos entender a sua posição. De que a entrega da Vale estava certa. Mas nada disso existe! Entregar a Vale para e simplesmente para a acumulação dos banqueiros é uma coisa criminosa! Por isso temos que aprofundar esta campanha em defesa da Vale do Rio Doce tanto quanto possível, mostrando a Fernando Henrique, de todos os modos, que a Nação não aceita esta venda.

A Vale é a segunda das empresas criadas através da sagacidade intensa, da capacidade imensa de Getúlio Vargas. Getúlio fez todo o esforço para trazer para o Brasil empresas privadas que quisessem produzir aço. Getúlio sabia que só com um grande parque siderúrgico o Brasil poderia dar certo. Era preciso criar a matriz da indústria brasileira. E a "matriz", a mãe da indústria brasileira, foi a Companhia Siderúrgica Nacional.

Sem a CSN não existiria indústria naval, indústria de automóveis, o Brasil não teria dado todos os passos imensos que deu, para o progresso. Volta Redonda foi negociada com Roosevelt como condição para o Brasil apoiar os Aliados na guerra. Foi a CSN foi entregue a três banqueiros. Quem pode confiar que três banqueiros agiram de acordo com a Nação e com os interesses do povo brasileiro? Nenhum!

Agora a segunda empresa também negociada por Getúlio pode ser vendida. Os ingleses queriam que, enquanto continuasse a Segunda Guerra, enquanto durasse a guerra, o Brasil vendesse para eles, fiado, todo o minério de ferro que pudessem absorver. Getúlio aproveitou a oportunidade e fez um acordo pensando nos interesses do Brasil. Os ingleses passaram a propriedade que tinham sobre as jazidas de ferro em Minas Gerais com a condição de que o Brasil vendesse fiado para eles. E essa foi a origem, o início da grande Vale do Rio Doce que temos hoje.

Quando a Vale se instalou existiam outras empresas que se dedicavam a mineração, como a Hanna. E a Vale cresceu. É por isso que não há nada mais incompreensível, absurdo, criminoso, de lesa-pátria, do que esta tentativa do governo de privatizar a Vale do Rio Doce.



Darcy Ribeiro ao pronunciar este discurso



Darcy Ribeiro chega à ABI e é ovacionado



#### 4 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

Observa-se que a experiência da privatização da Companhia Vale do Rio Doce consistiu em um movimento fruto de interesses transnacionais capaz de criar discursos e narrativas favoráveis à toda e qualquer privatização em países de capitalismo dependente. Ademais, é muito importante lembrar que narrativas criadas pelos jornais aqui mencionados possuem papel fundamental no que tange escrever a nossa história no imaginário das pessoas sobre qualquer que seja o fato. Antes da década de 1970, ainda era relativamente pequeno o número de trabalhos que se valia de jornais e revistas como fonte de conhecimento e pesquisa no Brasil, no entanto, como Tania Regina de Luca disse em “*História dos, nos e por meio dos periódicos*” em que disse que reconhecia-se a importância de tais impressos e não era nova a preocupação de escrever a História da imprensa, mas relutava-se em mobilizá-los para a escrita da História por meio da imprensa.<sup>4</sup> . Sendo assim, é perceptível que no que tange pesquisas históricas acerca deste fato tão relevante para a sociedade brasileira, que foi a privatização da CVRD, pouco se levou em consideração o que os jornais podem criar de narrativas para aqueles e aquelas que viriam a ler o conteúdo. Nesse contexto, agrupados na Hemeroteca Digital no site da Biblioteca Nacional encontram-se os jornais com os quais esta pesquisa dialoga, na busca o período analisado foi de 1990 a 1999, tendo como palavras-chaves “Vale do Rio Doce”, “Neoliberalismo”, “Privatização”, na aba periódico e na aba localidade, a opção selecionada foi “Todos”, com isso foram encontrados aproximadamente 70 matérias das quais aproximadamente seis falavam diretamente sobre a privatização da companhia. Os Jornais que esta pesquisa dialoga por motivos que foram os que mais aparecem nas buscas trazendo matérias relevantes foram: Jornal do Brasil e Jornal ABI, e dentre os resultados podemos inferir que se por um lado o Jornal do Brasil publicava matérias que eram pautadas por uma posição sutilmente a favor da privatização, super evidenciadas nas matérias analisadas neste trabalho como exemplo a matéria cujo título é: “Vale tem lucro, reduz dívida e investe” por outro lado o Jornal ABI publica entrevistas mais questionadoras e matérias mais incitantes contra a privatização, uma ilustração nótoria disso foi também analisada neste trabalho a matéria cujo título era: “A privatização da Vale e um depoimento de valor” nesta matéria o Jornal traz uma entrevista então ex-ministro da Educação

---

<sup>4</sup> LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153

Darcy Ribeiro com críticas diretas à privatização. O foco da investigação nos impressos são os discursos ali produzidos que com certeza ecoam no imaginário das pessoas e que são substancialmente relevante para nos fazer refletir melhor sobre os primórdios das políticas de caráter neoliberal no Brasil.

Por fim, esta pesquisa podemos inferir que os discursos da imprensa e a maneira como os envolvidos foram retratados nesses discursos, diz muito sobre a nossa sociedade e sobre múltiplos interesses. Buscamos analisar a maneira como a imprensa, em seus mais vários textos podia interferir na realidade política e social do nosso país neste momento , desempenhando papel ativo enquanto elemento informativo da população .

## REFERÊNCIAS

COMPANHIA VALE DO RIO DOCE. **Companhia Vale do Rio Doce: 50 anos de História/** Companhia Vale do Rio Doce. Rio de Janeiro: CVRD, 1992. 300 p.

FONSECA, Francisco. A grande imprensa e a constituição da agenda ultraliberal na “Nova República”. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, nº 31, p. 83-105, 2003,

MACIEL, David. O Governo Collor e o Neoliberalismo no Brasil (1990-1992). **Revista UFG**, nº 11, Dez. 2011.

SALLUM Jr., Brasílio. O Brasil sob Cardoso: neoliberalismo e desenvolvimentismo. **Tempo Social**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 23-47, 1999.

SERRA, Cristina. **Tragédia em Mariana: a história do maior desastre ambiental do Brasil**. Rio de Janeiro: Record, 2018.

RODRIGUES, Carlos Henrique Lopes; JUNGENSELD, Vanessa Follmann Jurgensfeld. O Neoliberalismo no Governo Itamar Franco: uma análise de sua política de privatizações. **Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política**, v. 1, n. 60, p. 145-176, maio 2021.

RUSSO, Fátima Ferreira. **Privatização da Vale do Rio Doce: valores, manifestações e implicações**. 2002, 86 f. Dissertação (Mestrado em Administração Pública) – Escola Brasileira de Administração Pública, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2002.

LUCA, Tania Regina de. “História dos, nos e por meio dos periódicos”. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2008, v. 1, p. 111-153